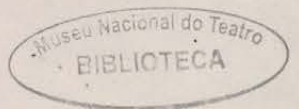


T

O HOMEM DA PLUMA AZUL
(FARSA EM TRÊS ACTOS E UM PRÓLOGO)

Miguel Rovisco

1986



5
131
14

PERSONAGENS

Dona Teresa Vitória de Barbosa Penalva e Ramalhete

Custódio, seu filho

Sofia, sua nora

Portugal, 1640.

PRÓLOGO

Uma mesa com um espelho, uma tesoura e uma toalha.

Entra Custódio.

Custódio - Preparo-me para cortar a barba, a minha fiel amiga. Treme-me a mão ligeiramente; porquê? Todo o orgulho dos árabes, segundo dizem, está no seu pénis e na sua barba vistosa. Esta não lhes é um mero adorno do rosto, mas algo sagrado. A minha mão treme pois ao cortar os pêlos do queixo sentir-me-ei nu e exposto a todos os riscos. (Para o seu reflexo no espelho.) Tu que me olhas, conheço-te bem; velho aldrabão, há quanto tempo inseparáveis um do outro! Pego na tesoura - pieguice! Agora firme... começarei pelo bigode. Mas que tesoura aguçada; cuidado, não espete um olho... perderei por completo a virilidade, raios! O pénis e os pêlos; sem a minha boa barba - e este bigode tão meu -, com que cara olharei para uma mulher? Um desgraçado, de pele efeminadamente cor-de-rosa... porque a barba serve para que eu me oculte. Diabo, ora! Serei eu de tal modo desprezível que necessite destes subterfúgios peludos? Os anjos, que se tenha averiguado, não usam barba e o orgulho de um homem, criado à semelhança de Deus, não deve estar no seu pénis nem nas partes adjacentes, bigode inclusivo... Mas é fantástico, já nem sei o que digo! Creio que estou a ficar com febre, só do brilho da tesoura. Ah não, coragem! (Para o seu reflexo.) E daquela vez em que fomos os dois, tu e a minha barba, àquela casa de má fama... pronto, é isso, vou desatar num choro: sentimentalão por conta própria. (Fungando.) Além de todo o problema metafísico que o caso engloba: este rosto barbudo não pode ser o meu verdadeiro rosto - mero disfarce com que me embebedo. Encarando-me frente a frente, os olhos negam-me esta aparência; oh, vida dissoluta de barba e bordel, de bordel e barba, bodeguice imunda - quem me banhasse em águas de ~~paris~~ verdade! (Erguendo a tesoura ao alto.) Parto ao encontro de mim como um cavaleiro andante. Eis perto a toalha de Verónica onde as minhas rugas se eternizarão: (Para a toalha) reconhecer-me-ei contemplando em ti a minha estampa. Aguarda-me uma aventura tremenda; sinto arrepios do meu rosto, liso como a palma das mãos - rosto-sol, rosto-ideal, face a face. Cada pêlo da minha barba convertido num vil muçulmano: cavaleiro de Cristo à reconquista da Ibéria sua! Vistam-me de branco, coroem-me de luz! "Aos infiéis, Senhor, aos infiéis - anseio pela santidade do meu rosto - e não a mim que creio o que podeis!" ... ai! (Para o seu reflexo.) Que foi?... Lembrei-me... do quê? Cristo usava barba!!

PRIMEIRO ACTO

Noite.

Escritório em casa de D.Teresa Vitória de Barbosa Penalva e Ramalhete. Os móveis encontram-se cobertos por grandes lençóis de brancura poeirenta, excepto uma secretária comprida e uma cadeira. Sobre a secretária, uma garrafa; sentada na cadeira, D.Teresa vai bebendo lentamente goles de vinho.

Apenas um fraco candeeiro ilumina a cena.

Passados momentos entra Custódio, de cara rapada. Poisa o seu chapéu com uma pluma azul sobre um dos móveis e dirige-se sem ruído até D.Teresa.

Custódio (Tendo observado silenciosamente a mãe por alguns instantes.) A mamã a beber... (Gesto vago de D.Teresa.) E a chorar !

D.Teresa - Eu não choro, meu filho: estou-me a rir com os olhos. Fui muito feliz, tu sabes... (Bebe.)

Custódio - Mamã !

D.Teresa (Muito digna.) Estou completamente perfeita.

Custodio - Mãe... (Afasta a garrafa.)

D.Teresa - Enche-me o copo: o segundo... pronto, o terceiro. Tão minucioso, este meu filho ! E arranja outro para tu beberes também - à saúde do teu pai.

Custodio - A saudade dele, diga antes.

D.Teresa (Com a mão com que segura no copo, aponta para o retrato de um fidalgo perto da secretária.) Um fraco: todas as noites a cair de bêbado. Ele bebia para esquecer, porque era isso mesmo: um homem fraco. Eu, ao contrário, bebo com o fim de recordar-me até ao mais pequeno pormenor: o beijo e o insulto - que nem sempre nos dávamos às maravilhas,

nós os dois. Neste preciso escritório, as discussões quando eu o vinha encontrar num estado...

Custodio - E a mãe segue-lhe as pisadas...

D.Teresa - Disparate, menino ! Essa linguagem... sou uma mulher de fibra; posso e quero enfrentar tudo aquilo que já fui. A saúde do passado ! (Bebe.) Que destino formoso, para agora... mas é recordando - e só recordando - que eu ganho coragem para seguir avante. (Estendendo o copo.) Meu filho, avante ! (Pausa.) Mas "avante" para quê, não me dizes tu ? Pobre Custódio !

Custodio - Podemos ainda esperar que a vida seja gentil para connosco. Não julgo que ainda haja bondade no mundo, mas uns tempos gentis que teimem em fazer-nos companhia.

D.Teresa - Como à noitinha, quando fechamos as pálpebras desiludidas e nos segredamos: "Agora o tempo faz-se ele mesmo pequenino e em breve tudo cessará." É isso ? Depois adormece-se em sonhos do antigamente.

Custodio - Ou do futuro.

D.Teresa - Pois também esses ?

Custodio - Não para mim, mas para o meu filho; ele há-de ter a oportunidade de não amar mais o nosso mundo envelhecido.

D.Teresa - Isso é ser-se escandalosamente livre - e belo ! (Erguendo o copo.) Ao futuro ! Bebamos às saudades do tempo por vir ! (Bebe.) E tu também, bebe; faz esse sacrifício próprio das classes condenadas - pelo meu neto ! Se não somos felizes, que importa ? Não tivemos condições para o sermos: outros viverão por nós a felicidade. (Estende o copo a Custódio, que bebe.) Como o teu pai se orgulharia de ti... ah ! (Espanta-se muito.)

Custodio (Risonho.) Mãe...

D.Teresa - Ah !